

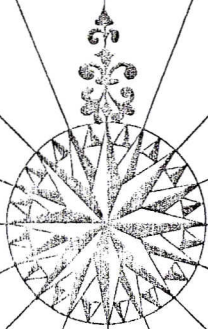
# Documento 8

APOM – «E outra vez conquistemos a  
distância»

## Documentos do arquivo de Maria Manuela Mota

1. Descrição do projecto *Um dia na ribeira das naus em 1537*;
2. Resumo da acção;
3. Guião da acção;
4. Grupos de trabalho;
5. Dramatização;
6. Descrição das personagens;
7. Horários de trabalho;
8. Relatório sobre o projecto;
9. Cartas relacionadas com a preparação do projecto;
10. Notícia de «A Capital», de 23 de Maio de 1988.

# HISTÓRIA AO VIVO



*«E OUTRA VEZ CONQUISTEMOS A DISTÂNCIA  
DO MAR OU OUTRA, MAS QUE SEJA NOSSA.»*

(•PRECE• "MENSAGEM"• FERNANDO PESSOA)

PROJECTO DA  
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MUSEOLOGIA



PROJECTO DE HISTÓRIA AO VIVO

"...e outra vez conquistemos a Distância"

Responsabilidade e execução: MANUELA SOARES OLIVEIRA MOTA

(Presidente da APOM e Conservadora Principal do  
Museu Calouste Gulbenkian)

PAULA BÁRCIA

(Professora de História da Esc. Preparatória  
Fernão Lopes)

TERESA VIANA

(Secretária Executiva)

Colaboradores: JOSÉ GOUVEIA (Professor de História da Escola da Parede e  
Dramaturgo)

GERALDO TOUCHÉ (Actor e Animador Cultural)

Consultores: PATRICK REDSELL (Consultor p/Dramatização junto do Conselho  
Escolar de Suffolk)

ANTÓNIO NABAIS (Conservador do Museu do Seixal e Técnico do  
I.P.P.C.)

Comte. MALHÃO PEREIRA (Cinciberlant)

## RESUMO DA ACÇÃO



Um dia da Primavera de 1537 na Ribeira das Naus

Entre o dia 21 de Maio e 1 de Junho de 1988, o lisboeta que frequenta a zona ribeirinha da baixa, vai estranhar a azáfama que subitamente vai aperceber para lá de um tapume provisório ao longo da Avenida da Ribeira das Naus.

A Acção deste ano, do projecto de "História ao Vivo", vai decorrer, nestas datas, na Ribeira das Naus, no verdadeiro local onde, nos séculos XV e XVI, eram construídas as naus e os galeões que tanta gente, tanta curiosidade, aventura e esperança de enriquecer levaram para a Índia.

Nesta zona das mais animadas de Lisboa de quinhentos (mais precisamente em 1537), vai reconstituir-se o ambiente que rodeava a partida dos barcos; trabalha-se afanosamente no apresto da armada que levará para o Oriente D. Pedro da Silva da Gama, 5º filho do grande almirante do Mar das Índias, Vasco da Gama.

As naus, algumas das melhores do seu tempo (a Frol de la Mar, a Galega, a Rainha, a S. Roque e a Stª. Bárbara), estão ancoradas mais a Sul, em S. José de Ribamar, onde a profundidade do rio e a calma das águas as deixa varar perto da terra. Mas aqui, na Ribeira das naus, há todo o afã das vésperas da partida: chegam continuamente barcos do outro lado do Tejo - fragatas, varinos, catraios - com produtos que irão abastecer os navios: lenha, sal, farinha, biscoito, queijos, louça do Seixal e da Moita, vidros de Coima, etc.

Mestres carpinteiros, calafates, remolares e seus aprendizes, trabalham com entusiasmo em reparações de cascos ou construção de novas embarcações. Os sons são variados: cantos de trabalho, pregões, discussões, chamamentos, gritos de gaiotas atraídas pelos cheiros que se evolvem da zona onde as biscoiteiras e as cozinheiras preparam o "jantar" para toda aquela gente.

O Provedor da Ribeira e da Telha, no começo do dia, reúne os trabalhadores e exorta-os a dedicarem-se às suas tarefas, pois é grande a responsabilidade de preparar uma armada para seis meses de mar. Depois de uma oração entoada em coro, todos se dirigem aos seus postos. Vão ser cosidas velas, é arrolado, pesado e medido o que se guarda no entreposto da Casa da Índia, moças com cântaros, dão de beber aos esforçados operários e aprendizes. O velho mestre cartógrafo prepara a bitácula de bordo e completa os mapas da viagem; noutra lugar amassa-se e coze-se o biscoito e amanha-se o peixe. No mercado há venda de fruta, queijo fresco, hortaliça e



enchidos para quem tiver dinheiro. Uma cigana, em língua estranha, lê a sina, a troco de um "cinquinho" ou de um naco de pão, aparecem saltimbancos às cambalhotas, com grande irritação dos mestres, pois lhes distraem os pequenos aprendizes.

À hora da refeição, um jovem, com vestimenta estranha (à maneira dos "reinois" em Goa), circula de grupo em grupo - diz ir partir na "Galega" e chama-se Fernão Mendes Pinto; o seu desejo de embarcar é tal, que não resistiu a ir ver com que avanço se faziam os preparativos - o seu jeito para inventar histórias chamou a atenção de muitos. E quando, depois de recomeçados os trabalhos, chega à Ribeira um casal idoso à sua procura, muitos já sabem quem ele era, e facilmente o indicam aos pais.

O encontro entre pais e filho vai ser comovente: não se veem há 17 anos, quando Fernão veio para Lisboa trabalhar. A mãe chora, com receio de não o tornar a ver; o pai, por seu lado, recrimina o filho por escolher o caminho da Índia, em vez de voltar com ele para Montemor, cultivar as terras que estão ao abandono. A discussão alastra aos observadores, que tomam partido uns por Fernão, outros pelos pais.

Mas o trabalho aperta, e todos voltam às suas tarefas. Às quatro horas toca o sino e forma-se uma pequena procissão para abençoar a ossada de um navio em construção e se rezar pela boa sorte dos que vão partir em breve.

\*

Nesta acção, vão participar cerca de 600 crianças (60 em cada dia), das escolas primária nº 88, das preparatórias Fernão Lopes, Delfim Santos, Sacavém, Parede, Galiza e Externato da Torre. Assumem os papéis principais os actores do Grupo 2 de Chelas.

Estas crianças têm vindo a ser preparadas pelos seus professores, nas aulas normais, com o auxílio de documentação pedagógica realizada pelos responsáveis do projecto; de uma maleta pedagógica com objectos e produtos que os alunos podem observar e manipular à sua vontade e também com visitas de estudo, por exemplo, uma sessão no Planetário, a navios da Armada, a locais e monumentos lisboetas ligados à época da acção.

Após esta vivência no século XVI, as crianças farão na Escola uma reflexão aprofundada sobre tudo o que descobriram e aprenderam, trocando impressões com os seus colegas e os professores.



Nada disto teria sido possível sem o apoio gentil e esclarecido de várias entidades oficiais e privadas, que desde o início se entusiasmaram com este projecto, compreendendo os eu alcance pedagógico:

Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

Estado Maior da Armada

Fundação Calouste Gulbenkian

Ministério da Educação Nacional

Câmaras Municipais de Lisboa, Seixal e Moita

Sonae

Teatro Experimental de Cascais



G U I Ã O

"E OUTRA VEZ CONQUISTEMOS A DISTÂNCIA"

"E OUTRA VEZ CONQUISTEMOS A DISTÂNCIA"



### AMBIENTE

Numa manhã de primavera de 1537, encostam, junto à Ribeira das Naus algumas barcaças vindas da margem sul do Tejo, trazendo carga vária para abastecer as naus que em breve irão partir para a Índia. O sal, a farinha, os queijos do Alentejo, as louças do Seixal ou da Moita são descarregadas e arrumadas no cais.

Naquele areal a azáfama e o barulho são sempre grandes: por entre o martelar dos pregos no madeiramento dos barcos ouve-se a vozearia grave dos homens que se interpelam ou cantarolam, as risadas agudas da miudagem que por ali faz recados e trabalha de aprendiz, os pregões das vendedeiras, chamando a atenção dos fregueses e o grito das gaivotas brancas que alargam as suas asas em voos circulares envolvendo terra e mar.

Vão partir este mês cinco naus para o Oriente. As mais belas são a "Froí de la Mar" que já várias vezes cruzou os oceanos e tem por capitão Lopo Vogado e a nau "Rainha" comandada por D. Pedro da Silva da Gama, 5º filho do almirante do Mar das Índias e conde da Vidigueira, Dom Vasco da Gama. As outras três naus são: a "S. Roque" comandada por D. Fernando de Lima; a "Stª. Bárbara" sob o comando de Jorge de Lima, primo de D. Fernando e finalmente a "Galega" sob o comando de Martim de Freitas natural da ilha da Madeira. As naus estão ancoradas em S. José de Ribamar.

Aprestar esta armada para aguentar seis meses no mar até chegar a Goa é tarefa complicada: o Provedor da Casa da Índia e o Mestre

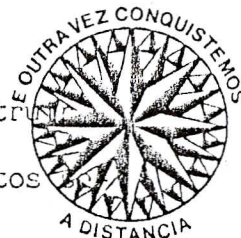


da Ribeira são responsáveis por toda esta azáfama. Não só todos os barcos tem de ser abastecidos dos alimentos necessários a tão longa viagem como tem de ser revistos desde os porões às cobertas e da popa à proa, reforçados e calafetados de novo, pois essa é a grande segurança contra as infiltrações da água do mar, como os longos cabos e as enormes velas são feitos de novo e destas há três andainas em bom pano lavrado nas terras da Maia. Os pendões, as bandeiras e os estandartes que se rasgaram em anteriores viagens são novamente bordados, que neles se espelha o orgulho do navio, como igualmente se espelha nas armas e arneses dos soldados, no bom funcionamento e brilho dos meios canhões, esferas e colubrinas das baterias da amurada e nos berços, águias e falcões que guarnecem o castelo de vante e a ré. No rasto dos nossos barcos e farejando-lhes as riquezas vem muitos corsários estrangeiros. Só com uma boa artilharia é possível afastá-los.

A câmara do capitão e os camarotes dos oficiais são limpos e alindados. A tripulação e os passageiros dormem na coberta, ao sol, ao frio e à chuva, isolando-se cada qual no seu "gasalhado" junto à sua fazenda.

Na coberta inferior, bem protegido e amarrado irá um armário especial - a bitácula - guarda um recheio precioso: a bússula, a ampul balétilha, o astrolábio, o quadrante, as cartas de marear e os portulanos, que garantem o rumo certo ao navio, tantos meses isolado entre céu e mar. Neste trabalho se ocupa o oficial das cartas de marear.

Se por acaso o navio é aprisionado e o primeiro cuidado é destruir todo o armário e o seu conteúdo, não deixando estes documentos secretos e preciosos cair nas mãos do inimigo.



Na Ribeira, quando os operários chegam de manhã, o Provedor da Casa da Índia toca a sineta e reúne todo o pessoal. São feitas as orações da manhã e cada contra-mestre recebe do Provedor as instruções sobre as tarefas a executar.

#### GRUPOS DE TRABALHO

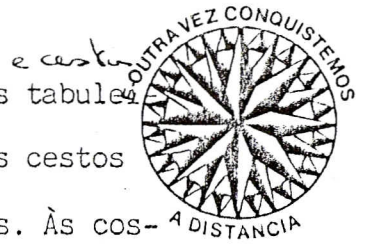
- 1/2 Junto à ossada de uma nau, os petintais ou carpinteiros sob as ordens do Mestre da Ribeira, que traçou na areia o risco do barco, trabalham as várias madeiras com que vão querenar e dar pendor à nau em construção. Vêm-se ali obreiros e sargentos acompanhados de aprendizes e de moços pequenos - os "ganha-dinheiros" que prestam ajuda a fazer recaços.
  
- 3 Enquanto os calafates acendem as fogueiras em que vai ser derretido o pez, os moços trazem a lenha, acendem o lume e cardam a estopa.



- 4 Ali perto alguns remolares preparam a feitura dos remos que lhes foram encomendados pelos bargueiros e estes, enquanto esperam fazem redes de pesca ou deitam o anzol ao rio.
- 5 Noutra zona da praia os cordoeiros de calabres, enrolam nos seus engenhos as várias idas de cabos de linho cânhamo que irão constituir todo o cordame da mastreação e as grossas e longuíssimas amarras para as embarcações.
- 6 Perto do armazém, em suas mesas, vê-se um oficial de cartas de marear tendo junto de si vários instrumentos de navegação ensinando aos mais novos como se usam. Acompanha-o o piloto da "Galega" para se certificar do rumo que a armada vai levar e preparar a bitácula do seu barco.
- 7 Um boticário com seus ajudantes selecciona e prepara as plantas medicinais para a farmácia de bordo.
- 8 Um tabelião também na sua banca, toma nota do material que entra e sai do armazém, mandando os ajudantes pesá-lo quando necessário e arrumá-lo, conforme se destina às naus ou seguirá para a Casa da Índia. Junto está um escrivão pronto a escrever cartas, petições e outros documentos.
- 9 A feitura das velas também ocupa grande espaço e para as cortar e coser é necessário muito pessoal.

5 10/11 Junto às barcaças que entretanto chegaram vindas da Moita e do Seixal, afadigam-se os homens sob as ordens do arrais a descarregar os sacos de sal das salinas do Sul e os da farinha moída nos

moinhos de maré do Seixal, os pipos de vinho e os tabuleiros com queijos do Alentejo, a lenha cortada e os cestos com a louça de barro que servirá a bordo das naus. Às costas, em varas ou de burro vão transportando e arrumando as mercadorias.

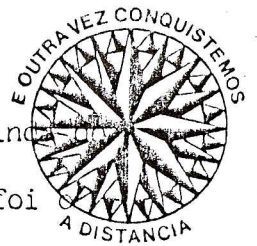


- 12 Lavadeiras e ensaboadeiras em torno de grandes celhas lavam a roupa da marinhagem na barrela de cinzas e estendem-na.
- 13/14 Moços e mulheres acendem o lume e preparam em caldeiros o caldo que será servido ao pessoal e o peixe frito que irão comer sobre grandes fatias de pão, enquanto alguns frades mais gulosos rondam por ali.
- 15 As biscoteiras amassam a farinha com água e acucar para a confecção dos biscoitos que vão ser cozidos no forno e serão a base da alimentação a bordo.
- 16/17 Das tendas dos vendilhões, saem mulheres escravas para irem vender peixe ou água ou fruta no arraial.

### DRAMATIZAÇÃO

Uma mulher do povo lamenta-se com graça de que ali se não encontra vinho barato a vender, como dantes era costume, e vai folgazã e pitoresca contando como é seu hábito visitar as tabernas de Alfama e Mouraria e beber bom e barato.

Vai falando (o Pranto de Maria Parda) com uns e outros pedindo novas do seu homem que por lá anda - lá pelos Orientes e Índias, ou quem sabe, no Brasil ! - Há tantos anos que não sabe dele ! Primeiro ainda



lhe mandou notícias, alguns panos ricos e uma arqueta linda de madeira bem cheirosa cheia de pimenta e canela. Depois foi o silêncio e com ele a pobreza e a miséria em que se vê agora.

Ó desgraçada como tantas sem saber se é casada ou viúva! lamentam-se as outras mulheres. Mas o seu espírito folgazão vai tirando partido da situação e lá vai ganhando a vida como alcoviadeira e vendedeira. Pede a uma cigana que lhe esconjure o maligno e lhe faça benzeduras, e vai ter com o escrivão para lhe escrever uma carta ao seu Antão que só Deus sabe onde andará. Aparece um bando de saltimbancos, que, ao som de gaitas de foles e pandeiretas, faz momices e entremeses, distraindo quem trabalha e ganhando assim a vida.

Num pequeno cercado, estão as galinhas e os coelhos, vindos na fragata para serem embarcados nas naus.

Por entre operários e vendedeiras passam frades e vadios, cães e um ou outro cavaleiro das ordens militares (a cavalo?).

Ao meio dia tange o sino das Ave-Marias e todos param para rezar o "Angelus", desbarretando-se em sinal de respeito e parando a faina para comer o jantar.

Aproxima-se entretanto das fogueiras onde se fritava o peixe para os operários, um homem ainda jovem de 25 ou 27 anos com ar decidido e folgazão que pede lhe seja servido de comer, pois vai embarcar na "Galega" e pela primeira vez cruzar os mares. Traz um fato diferente dos outros, que mandou fazer para usar nos climas quentes, tal como o alfaiate lhe dissera que era uso naquelas paragens.



Diz-se natural de Montemor-o-Velho tendo vindo para Lisboa muito novo talvez com dez anos e desde menino sempre que podia vinha até à beira-rio contemplar os barcos que o chamavam para a aventura, para o desejo de longes e distâncias, para viver ele histórias que outros contavam. Já tinha feito uma experiência -infeliz- numa nau para Setúbal, mas medo era coisa que não conhecia.

Agora chegara o momento de ele também partir para longe ! Era simpático, conversador, e os homens foram-se juntando em volta dele, enquanto comiam, para ouvir as muitas aventuras que já em Portugal tinha vivido.

Chamava-se Fernão e no que contava com tanta vivacidade, ficava sempre uma dúvida: seria verdade tudo aquilo ? Embora moço de câmara do Mestre da Ordem de S. Tiago, o Senhor D. Jorge de Lencastre filho bastardo e muito amado de El-Rei D. João o segundo, que Deus haja - não o satisfazia o pouco ganho que conseguia em casa de tão nobre Senhor.

Convivendo com os freires de S. Tiago nos seus castelos de Setúbal e Palmela ouvia entusiasmado contar muitas das proezas que os portugueses realizavam pelo Oriente e de como, por acção dos missionários se convertiam à fé cristã tantos gentios.

Antes de D. Jorge havia servido, durante vários anos e com muito agrado, a Francisco de Faria que tinha numerosos parentes em Goa e Malaca. Fez este boas recomendações a seus primos que aceitaram Fernão ao seu serviço em Goa.

E assim vai finalmente partir, a bordo da nau "Calega". Tanta aventura, num homem tão novo, espantava quem o ouvia. Seria tudo verdade ?



Depois de comer, andou Fernão pelo arsenal investigando os trabalhos e as mercadorias que se descarregavam dos barcos até que se senta junto ao tocador de alaúde(?) cantando tristes romances que falam de naufrágios e tragédias e entristecem os de ânimo mais dócil ou inflamam de maior gosto pela aventura aqueles que já de si são bravios, valentes ou brigões.

Um alarido grande num dos extremos do arsenal chama a atenção de todos: atrás de um aldeão de meia idade, vem uma mulher em pranto acompanhada de duas meninas e de dois moços de camara que correm atrás dos pais.

O aldeão procura o filho mais velho que já não vê há muito e que segundo lhe disseram está em vésperas de partir para a Índia, na "Calega".

Lamenta-se e condena toda a cidade de Lisboa e o seu luxo, aquela azáfama intensa que vai levar para longe tantos homens necessários aos trabalhos do campo. Todos vem para a cidade em busca de ganho fácil, deixando mais pobre a terra, por lavrar e sem dar fruto. Todos querem partir para longe abandonando os pais velhos e sem forças, as noivas, as mulheres e até os filhos que choram e rezam pelos ausentes.

A Índia das especiarias, o Oriente do ouro e da prata, a África dos escravos, são só sonhos de grandeza e de vaidade



inútil e vão deixando Portugal mais pobre.

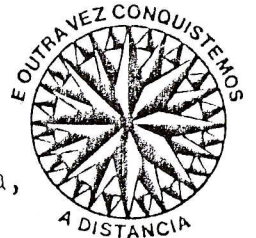
A guerra contra o mouro infiel não precisa ser feita lá tão longe, pois aqui bem ao pé da porta está Marrocos, de onde os infiéis outrora expulsaram os cristãos. Também aqui se podem colher vitórias e indulgências e não despojar o reino.

Malditos barcos, malditas aventuras, maldita vaidade, maldito consumo de fazendas, reinos e impérios !

Suplica: - Fernão, meu filho fica junto de nós que de Montemor te viemos procurar. Vê tua mãe como se lamenta.

Se partes também teus irmãos querem partir. Já vieram para Lisboa servir em casas fidalgas e nós ficamos mais sós, mais pobres e mais envelhecidos.

Fernão abraça a família e diz-lhe que o seu desejo e partir é tão grande como as saudades que vai ter deles; Mas já tem lugar certo na "Galega", vai servir os Farias de Tentúgal, que o pai conhece, peregrinar por esse oriente fabuloso. Há-de voltar rico e de enriquecer a família, que o que ganha em Portugal é fraco. Pede ao pai que lhe dê a benção e que deixe partir os irmãos mais moços pois eles também trarão lustro e riqueza para a família . Promete que às irmãs dará do que trazer e ficarão ricas. Que o pai veja bem a grandeza desta empresa em que vão partir tantos bravos que já foram mais de uma vez barra fora e voltaram cheios de riqueza e fama, e aumentaram a honra e a autoridade do Rei de Portugal, e espalharam a



fê de Cristo entre os gentios.

O pessoal vai-se juntando em redor desta cena de família, uns tomando partido pelos pais velhos e desamparados e pela terra abandonada, outros pela gente nova que anseia glórias e riqueza, aventuras, conversão dos gentios e poderio para Portugal.

Às 4 horas volta a tocar o sino das vésperas e os frades iniciam o seu cantochão chamando todos para rezar as ladainhas que diariamente são ditas por alma dos que morrem nesta empresa e por salvação de quantos por lá andam. Juntam-se alguns cavaleiros da ordem de Cristo.

Organiza-se uma procissão com a imagem de N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> da Conceição que dando a volta ao terreiro se aproxima da nau em construção sobre a qual é lançada a benção, com o hissope e água benta. Todos os trabalhadores, mareantes, frades e demais povo participam na cerimônia com devoção, respondendo às ladainhas, rezando e cantando.

MENDO PINTO (José Gouveia)



*Idade: 50 anos*

*Naturalidade: Montemor-o-Velho*

*Estado Civil: Casado, pai de 5 filhos (3 rapazes, Fernão o mais velho e  
2 raparigas*

**RETRATO:**

- *Rendeiro do Alcaide de Montemor-o-Velho*
- *Vive com dificuldades*
- *Sofre com o despovoamento e com o abandono das terras e considera Lisboa um sítio de perdição.*
- *A rogo da mulher, que receava não mais ver o filho, acede vir a Lisboa para dissuadir Fernão de correr o risco da viagem e de levar atrás os filhos mais novos. Ele que tanto lutou para arrendar mais terras para os filhos cultivarem e continuarem a servir os alcaides como sempre foi tradição da família.*
- *Fora informado da partida de Fernão pelos Farias que estavam unidos ao alcaide por laços familiares.*

INÊZ CATARINO (Conceição Santos)



Idade: 45 anos

Naturalidade: Viseu, vive em Montemor-o-Velho desde criança

Estado Civil: Casada, mãe de 5 filhos ( 3 rapazes, Fernão o mais velho e  
2 raparigas)

RETRATO:

- Fala "axim" e troca os vês pelos bês
- Gasta e cansada, nem lhe resta o consolo de ter junto de si os seus filhos que fugiram às fomes e à penúria. (Ver cap. IV Estrofe XC - *Lusíadas*)
- \* A mãe diz a chorar com o desespero de não o tornar a ver:
  - Oh filho meu que não torno a ver-te tão cedo ! Oh filho, que eu esperava fosses a minha força e amparo na velhice ! Assim acabarei em choro amargo e negro abandono. Porque me deixas mísera e mesquinha. Oh filho querido porque te afastas de mim para que sejas dos peixes mantimento.

AFONSO DE SOUSA (Geraldo Touché)



Idade: 40 anos

Naturalidade: Lisboa, 2º filho de Tomé de Sousa

Estado Civil: Viúvo, 2 filhos

RETRATO:

- Foi em criança para S. Salvador da baía de onde voltou para o Colégio da Cotovia (no Príncipe Real). Frequentou a Corte e era da confiança do Rei (D. João III)
- Em atenção aos feitos do pai, 1º capitão-mor do Brasil, deram-lhe o cargo de Provedor da Ribeira e da Telha.
- Tem dois filhos, um deles é bandeirante em S. Paulo o outro é militar em Diu e está em risco de ser cercado pelo "Turco"



MESTRE ANRIQUES SOEIRO (Manuela Mota)

Idade: 55 anos

Naturalidade: Lisboa, Alcântara

Estado Civil: Casado, com filhos e netos. Uma filha é freira Clarissa  
em Faro

#### RETRATO:

- Estudou em Coimbra no Colégio das Artes e depois em Lisboa fez amizade com Abraão Zacuto que lhe ensinou astronomia. Com Bartolomeu Colombo aprendeu a desenhar e a ler cartas no que se tornou mestre respeitado.
- Já viajou para a Índia com a armada de Pedro Álvares Cabral
- Tem como amigos e colegas os melhores cartógrafos e navegadores do reino, foi nomeado cosmógrafo-mor por D. João III
- Fala com Fernão, não lhe dá elementos científicos mas fala da vida a bordo
- Ensina o grupo a utilizar os instrumentos, a traçar a rota, a montar a bitácula e os cuidados a ter com estes bens preciosos.



PERO FERNANDES (José Barreiros)

Idade: 52 anos

Naturalidade: Santarém

Estado Cível: casado

RETRATO:

- Fora criado em casa de el-rei.
- Toma nota em dois livros de tudo o que chega ou parte do seu armazém.  
Toma nota do material pedido pelos mestres dos navios para o seu trabalho.
- Assiste à pesagem dos materiais
- Não pode emprestar nada sem autorização do provedor
- Tem de ordenado 120 000 reis
- Passa a vida a implicar com o fiel temendo ache menos nas contas
- Pesa: Especiarias; fardos de algodão; pipas de vinho; sacas
- Pedem-lhe emprestada a caixa dos pregos e arcos de ferro e ele depois de os contar vai junto do provedor saber se os pode fornecer ao mestre dos navios e quantos este pode gastar.



DAMIÃO MONTALTO (João Paulo)

Idade: 30 anos

Naturalidade: Córdova e fugiu para Portugal quando da expulsão dos judeus pelos reis católicos

RETRATO:

- A família foi queimada pelo Santo Ofício em Évora. Ele converteu-se mudou o seu nome de Samuel para Damião (padroeiro dos boticários) e estudou em Coimbra.
- Obteve o cargo de boticário desta armada, como recompensa por ter curado o rei de uma chaga numa perna com aplicações de urina.



COMADRE CREMILDE (Cremilde Barreiros)

Idade: 35 anos

Naturalidade: Lisboa, Alfama

Estado Civil: Viúva. Numerosos filhos

RETRATO:

- Trabalha de padeira e biscoiteira pois dela depende o sustento da família.
- Sua filha Brites está no recolhimento de Santos, onde as boas freiras lhe ensinam as artes da costura e da doçaria com o que ela espera poder-lhe arranjar um bom casamento dali a dois anos.



BRÁZIA DIAS (Lina)

Idade: 28 anos

Naturalidade: Lisboa, St<sup>a</sup>. Catarina

Estado Civil: Casada, com filhos

RETRATO:

- Serviu em casa de um nobre, mas quando soube daquele trabalho pediu para ficar no lugar porque era mais bem pago e em dinheiro enquanto que em casa de D. Jorge raramente recebia soldada, era a comida (para ela e mesmo assim ia chegando para a casa e alguma roupa velha que nem os algibebebes da Ribeira a queriam para vender)
- Mal dava para aguentar a casa tanto mais que o marido, arrais das fragatas do Tejo não tem ganho certo.
- Um dos filhos com 9 anos era ganha-dinheiros no cais da Telha e outro com 8 anos anda com o pai a bordo da fragata o que lhe faz trazer o coração apertado sempre em susto, não vã cair e ser levado pelas correntes do rio.

BLANCA DENISA (Conceição Santos)



Idade: 29 anos

Naturalidade: Granada

RETRATO:

- Nasceu em Granada e veio para Portugal atrás de um marinheiro que acabou por abandoná-la.





*Fernão Mendes Pinto (João Paulo)*

*Pai do Fernão - Mendo Pinto (José Gouveia)*

*Mãe do Fernão - Inêz Catarino (Conceição Santos)*

*Provedor da Ribeira - Afonso de Sousa (Geraldo Touché)*

*Cosmógrafo-mor - Mestre Anriques Soeiro (Manuela Mota)*

*Almoxarife - Pero Fernandes (José Barreiros)*

*Cirurgião - Damião Montalto (João Paulo)*

*Biscoiteira - Comadre Cremilde (Cremilde Barreiros)*

*Cozinheira - Brázia Dias (Lina)*

*Cigana - Blanca Denisa (Conceição Santos)*

*Padre - Frei Bento dos Mártires (Fernando Nóia)*

## H O R Á R I O

9.30 h - Chegada dos alunos, que se dirigem ao local onde vão mudar de roupa.

Deverão guardar todos os seus pertences num saco identificado. Ao chegar, devem já saber qual vai ser o seu grupo da manhã e da tarde, e se vão fazer de rapaz ou rapariga. Ao sair, vão imediatamente para junto do seu monitor da manhã.

10 h - Os alunos, enquadrados pelos seus monitores, reúnem-se junto do Provedor da Ribeira das Naus.

Aí, para começar o dia de trabalho, será rezada uma oração em conjunto. Depois, o provedor dirige-se-á aos trabalhadores, exortando-os a trabalharem bem, sob as ordens dos seus mestres, pois o sucesso daquela armada depende, em boa parte, de todos eles.

11 h - Aparecimento de saltimbanco e de uma cigana, que lê as sinas.

10.30/12 h - GRUPO 1 - descarga do barco

GRUPO 2 - trabalhos de calafetagem; acender o lume e derreter o pês

GRUPO 3 - carregar água para o biscoito e para as lavadeiras; dar de beber a quem tem sede

GRUPO 4 - trabalhos de carpintaria

GRUPO 5 - trabalhos de cozinha: amanho do peixe e confecção

GRUPO 6 - confecção de biscoito

GRUPO 7 - trabalho com velas

GRUPO 8 - trabalho com cordas e nós

GRUPO 9 - lavagem de roupa

GRUPO 10- trabalhos de carpintaria ou boticário

GRUPO 11- estudo dos instrumentos e das cartas  
de marear; montagem da bitácula

GRUPO 12- trabalho no armazém, junto do tabelião:  
pesagem e arrumação do material

12/14 h - Oração da tarde; jantar; aparece Fernão Mendes Pinto.

14.30 h - Aparecem os pais de Fernão.

14/15.30 h - GRUPO 1 - confecção de biscoito

GRUPO 2 - trabalhos de carpintaria ou boticário

GRUPO 3 - trabalho no armazém

GRUPO 4 - conclusão da descarga do barco

GRUPO 5 - lavagem da louça

GRUPO 6 - trabalhos de calafate

GRUPO 7 - lavagem e estender de roupa

GRUPO 8 - estudo das cartas de marear

GRUPO 9 - vendedores ambulantes

GRUPO 10- trabalho com velas

GRUPO 11- carregar água

GRUPO 12- trabalho com cordas e nós

15.30 h - Oração do fim do trabalho. Reunião para a organização da procissão. Procissão.

16 h - Fim da acção. os alunos regressam ao local onde guardaram as suas roupas e vestem-se para sair.

**RELATORIO SOBRE O PROJECTO**

**"HISTORIA AO VIVO"**

***UM DIA NA RIBEIRA DAS NAUS EM 1537***

Este projecto surgiu da descoberta em mais profundidade da técnica "Living History", durante o seminário da APOM "A Escola vai ao Museu", em Maio de 1987.

1. Os professores de História há muito sentem a desadequação do actual programa as condições de ensino:

1.1. a sua extensão (não podemos esquecer que temos mais de 600 anos de História!) leva a que, por pouco que se queira aprofundar este ou aquele aspecto, é impossível chegar sequer a meio da matéria, com a esperança que os alunos tenham compreendido, fixado e interiorizado alguma coisa.

1.2. E muito difícil para crianças de 9/12 anos, sem grande treino mental trazido da primária, vivendo em condições precárias, muitas delas sem a língua portuguesa como língua-mãe, conceptualizar conceitos tão difíceis como passado, cronologia, classes sociais, problemas económicos e sua articulação com os políticos, equivalencia espacio-temporal de vários acontecimentos; isto para já não falar em conceitos tão abstractos como fé, mentalidades, etc.

Por estas razões, o estudo da História através da vida quotidiana tem sido a forma mais eficaz de contornar esses obstáculos: as visitas de estudo a sítios onde os acontecimentos se passaram, a observação de obras de Museus em que esses aspectos da vida quotidiana estão representados, a dramatização, são técnicas utilizadas com bons resultados. Se a isso juntarmos uma organização, o verdadeiro sítio onde os factos se passaram, e pusermos as crianças a viver a vida como ela era na época, pensamos ter encontrado o caminho para a interiorização de uma época, por parte dos alunos.

1.3. A escolha de uma acção passada na época dos Descobrimentos é natural no tempo que atravessamos, por pensarmos que esta seria a forma de 600 crianças de Lisboa terem uma noção mais viva dos desafios, das dificuldades e do entusiasmo desse período da História nacional, parte importante do seu programa de estudos.

1.4. Para além disso, a escolha da Ribeira das Naus adveio da preocupação de chamar a atenção dos jovens e da cidade para uma zona histórica, carregada de significado e completamente abandonada, na esperança de que a acção servisse também para chamar a atenção para mais um elemento do nosso património em plena degradação, e onde, durante 15 dias, foi possível fazer reviver os sons, os cheiros, os ruídos, a animação, a azáfama dos estaleiros de 500.

2. Um projecto destes, para ser viável, tem de implicar uma parte muito considerável da Escola - Conselho Directivo, funcionários, professores, pais. Sem a colaboração destes elementos, muito dificilmente se poderá levar a cabo um trabalho destes. Por isso:

2.1. foram feitos contactos para motivar os professores, e em alguns casos também os pais. Mais próximo da data da acção, foi feito um pequeno curso de formação para todos os adultos participantes, o que incluiu professores, funcionários e actores.

2.2. Os professores foram forçados a refrescar ou completar os seus conhecimentos sobre diversos temas em

estudo, embora lhes fosse fornecida documentação de base. Para muitos, esse estudo foi uma ocasião agradável de renovar conhecimentos, e trabalhar de uma forma interdisciplinar com colegas com quem habitualmente não teria tanto contacto.

2.3. O facto de os professores terem de preparar os alunos para a acção, e de uns e outros virem a ser actores dela, levou a uma maior ligação entre professores e alunos, ainda nesta fase de preparação.

3. A preparação dos alunos, que foi feita de forma muito activa, entusiasmou-os muito, tendo-os levado a trabalhar com entusiasmo e vontade de descobrir; as próprias datas, sempre tão detestadas, foram consideradas elementos preponderantes para a compreensão do "antes", do "durante" e do "depois"... Como materiais de preparação da acção foram utilizados os seguintes: trabalhos de grupo com apresentação aos colegas dos resultados, seguido de críticas; visitas de estudo a locais donde fosse possível extrair informação sobre a matéria em estudo; debates baseados em passagem de slides; exploração de uma maleta pedagógica preparada expressamente para o efeito; organização e/ou visita a uma exposição temática, enquadrada por apresentações de danças, música e teatro da época.

A acção em si foi um sucesso, e mesmo algumas falhas apresentadas pelos alunos, como a dureza do trabalho ou a pequena paga, são resultados que queríamos conseguir - a vivência das condições da época.

Os alunos sentiram-se verdadeiramente no

sec.XVI,viveram com entusiasmo a descoberta de sons desconhecidos (latim,sinos,pregoes),sentiram na pele as duras condições de trabalho e a impossibilidade,para a gente do povo,de comprar certos bens,perceberam a necessidade de utilizar correctamente os instrumentos,sentiram a fome e o cansaço do trabalho manual,o valor da entre-ajuda,a separação das classes,a importancia da religião e a riqueza que é a água.

Nos trabalhos de reflexão feitos a seguir,nos contactos com os pais e professores,na avaliação final do ano (V.anexos)ficámos com a noção de como os alunos sentiram aquele dia,como foram capazes de transmitir as experiencias recolhidas,como dominavam a epoca.No fim do ano,quase não houve negativas em provas de avaliação de História.Ao que sabemos,não houve um só que não tivesse gostado de participar na acção (V.anexos).

4. Em algumas escolas,o sucesso desta acção levou a vontade de organizar projectos autónomos,um pouco mais circunscritos,mas igualmente interessantes.

Levou tbem os professores a conhecerem-se melhor e a perceberem com quem podem contar dentro da Escola,para acções que ultrapassem o dar aulas;deu-lhes uma certa autoconfiança,uma certa capacidade de falar ou trabalhar em temas que não são da sua estrita especialidade.A pequena "representação" a que foram obrigados - trajos,portugues do sec.XVI,formas de tratamento,tarefas e gestos fora do habitual,levaram professores,alunos e funcionários a testar as suas possibilidades e a ganhar o desafio.

Por tudo o que ficou dito, consideramos que projectos deste tipo tem um enorme valor pedagógico, e que são de repetir, espalhar e dar a conhecer, não só através da escola, como da comunidade, de forma a envolvê-la toda em projectos de salvaguarda do património, que serão ao mesmo tempo verdadeiras aulas de História.

Felizmente, com o estímulo deste projecto, tanto um aspecto como o outro estão já em curso, o que consideramos um dos melhores resultados do nosso trabalho.

Lisboa, 26 de Agosto de 1988

As responsáveis pelo projecto

T. VIANA

M. Manuela Mota

Paula Bárcia

Teresa Viana



Associação Portuguesa de Museologia  
Museu de Arte Popular — Avenida de Brasília — 1300 Lisboa/Portugal

Exm<sup>o</sup>. Senhor

Dr Serra Brandão  
M.II. Presidente da Comissão Nacional  
para as Comemorações dos Descobrimen-  
tos

Casa dos Bicos

LISBOA

Lisboa, 22 de Dezembro de 1987  
N<sup>o</sup> Ref<sup>o</sup> 159/87

Exmo Senhor,

Junto temos o prazer de enviar o projecto de orçamento para a concretização da acção "...e o mar começa" à qual a Associação Portuguesa de Museologia dá o seu patrocínio e apoio técnico.

Esta acção visa levar crianças entre os 8 e os 12 anos a viver a preparação da partida de uma armada para o Oriente, segundo a técnica de "História ao Vivo". A armada escolhida foi a de D. Garcia de Noronha que largou de Lisboa em meados de 1538, incluindo a nau "Santo António" de que era capitão D. Cristóvão da Gama, figura principal deste projecto.

Já se encontra neste momento recolhido numeroso material e bibliografia para a preparação didáctica dos Professores e alunos que vão participar. A escola Ferbão Lopes tem já este projecto aceite como trabalho da Escola e vão ser contactados próximamente escolas primárias da zona de Belém, Algés e Dafundo, para se seleccionarem as que podem e querem participar.

Este projecto, que consideramos experimental é, conforme nos foi já dado explicar a V<sup>o</sup> Ex<sup>o</sup>, o primeiro de uma série de acções similares que pretendemos levar a efeito em diversas localidades do litoral português (continental e insular) estendendo-o depois progressivamente para todos os países aonde chegaram as caravelas de Portugal. O projecto poderá assim estender-se até ao ano 2000. (ver documentação anexa)

A primeira experiência, irá ter lugar durante duas semanas em final de Maio/princípio de Junho de 1988, junto à Torre de Belém,

1500

tendo-nos já sido prometido o apoio da nau S. Gabriel (ou Trindade) pelo actor António Vilar.

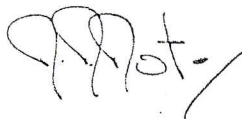
Estamos neste momento a trabalhar com o Museu de Marinha que aderiu com muito interesse ao nosso projecto e nos vai facultar visitas preparatórias aos Professores das Escolas seleccionadas.

Procuramos igualmente apoio de outras entidades como - Ministro da Educação, A.G.F.L., Câmara Municipal de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Aporvela, etc...

Contamos com o apoio que a nível de secretariado nos possa ser dado pela Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos portugueses e aguardamos a vossa decisão sobre o financiamento para as numerosas despesas envolvidas neste projecto, cientes de que nos estamos a empenhar numa acção complexa mas de um grande alcance cultural quer a nível nacional quer nas relações internacionais.

Certa do vosso inestimável apoio, enviamos os nossos melhores cumprimentos

Pela Direcção



Maria Manuela Mota  
Presidente



Associação Portuguesa de Museologia  
Museu de Arte Popular — Avenida de Brasília — 1300 Lisboa/Portugal

---

Exm<sup>o</sup>. Senhor  
Director do "EXPRESSO"  
Rua Duque de Palmela, 37-2<sup>o</sup>d  
1296 LISBOA codex

---

Lisboa, 7 de Setembro del988

Exm<sup>o</sup>. Senhor Director

"Afinal há uma Comissão dos Descobrimentos que funciona"

Com este título e assinada com as iniciais J.Q.M. publicou o Expresso em 3 de Setembro corrente, um interessante artigo que dá a conhecer a actividade, de certo modo discreta, da Comissão para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses do Ministerio da Educação, orientada lógicamente para a população escolar. A sua actividade iniciou-se em 1988 e vir-se-à a desenvolver principalmente em 1989 e anos seguintes, sob a presidencia do Prf. Dr. Luis de Albuquerque apoiado numa dinâmica equipa de professores.

Porque no entanto nos chocámos com uma inexatidão contida no referido artigo, vimos pedir a V. Ex<sup>ã</sup>. seja publicada a sua correcção que em nada afecta a ~~credibilidade~~ Comissão a qual temos em grande apreço - mas que dá, a quem de direito, a autoria e a realização de um projecto experimental para uma acção de grande fôlego e do mais profundo alcance pedagógico e cultural.

Trata-se da responsabilidade do programa de "Historia ao Vivo", que movimentou cerca de 600 alunos no decorrer de dez dias : esta accção foi projectada, programada e realizada pela Associação Portuguesa de Museologia (A.P.O.M.), dentro do seu programa de dinamização cultural de Museus, Monumentos, sítios arqueológicos, lugares históricos e acervos patrimoniais.

A técnica de "História ao Vivo" procura abranger em ac-

ções conjuntas o museu , a escola ea comunidade, num pleno aproveitamento das suas capacidades didáticas.

Relacionando esta técnica com as comemorações dos Descobrimentos, levou a Apom a efeito um projecto-piloto na Ribeira das Naus sob o lema "... e outra vez conquistemos a Distancia"; comprovado o êxito e o interesse desta iniciativa irá agora a Apom trabalhar com a Comissão do Ministério da Educação para alargar progressivamente a outras localidades e a maior numero de alunos accções similares e repetindo todos os anos o projecto de Lisboa.

Mas o nosso sonho ainda é maior : as naus que partiam de Portugal chegavam.... a Áfricas, a Asias e a Brasis ! Vamos viver a festa do encontro inicial levando as nossas crianças a conviver com "outras" crianças, ano após ano, num abraço que se poderá prolongar até ao ano 2.000, conquistando a Distancia.

Foi este o programa que a APOM apresentou em 1977 ao Dr Serra Brandão, então Presidente da Comissão Nacional. O seu apoio foi franco, entusiástico e generoso.

Pelo seu alcance didático transitou em 1988 este projecto para o âmbito do Ministerio da Educação, tendo sido aprovado e recebido luz verde para prosseguir, o que muito nos encorajou. Com apoios logísticos, financeiros e humanos de numerosas entidades entre as quais salientamos a Camara Municipal de Lisboa e a da Moita, o Estado Maior da Armada, a Fundação Calouste Gulbenkian, o grupo do Teatro Amador de Chelas e outros elementos da comunidade que se deixaram encantar pelo nosso projecto e entusiasmo, levamos a bom termo o nosso sonho. (Não passou este tão despercebido que não fosse publicado em alguma imprensa e projectado na TV mais de uma vez.)

Estamos certos que procurará V. Ex<sup>ta</sup>. esclarecer os seus numerosos leitores dando á APOM a responsabilidade do que realmente lhe pertence e dando á Comissão do Ministerio da Educação a certeza de que temos o maior gosto no futuro trabalho conjunto, dando às comemorações dos Descobrimentos um projeto de fôlego com realinteresse nacional e internacional.

Maria Manuela Mota  
Presidente da APOM

# HISTÓRIA AO VIVO EM BELÉM E RIBEIRA DAS NAUS

## CRIANÇAS DAS ZONAS RIBEIRINHAS RECRIAM UM DIA DO SÉC. XVI

UMA centena de crianças de escolas da zona ribeirinha de Lisboa têm hoje um dia de actividade escolar bem diferente do habitual. A beira-Tejo, na Ribeira das Naus e em Belém, elas são protagonistas de uma lição de História ao vivo, participando em todas as tarefas que antecedem a partida das naus para a Índia. Na Ribeira das Naus vive-se um dia de 1537 e, em Belém, as mesmas circunstâncias, mas um ano depois.

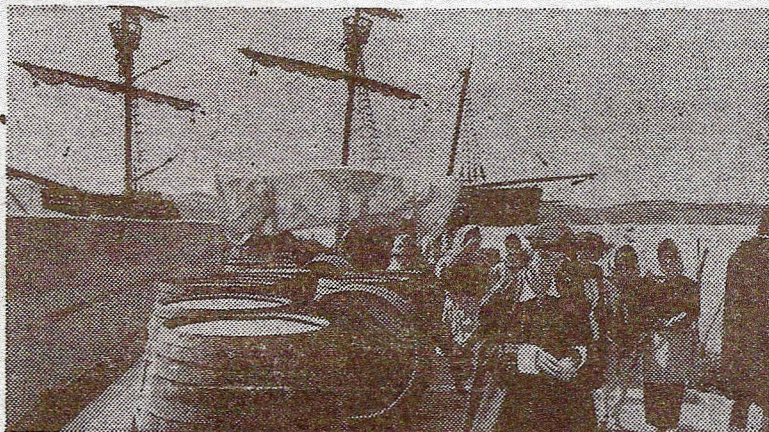
Em ambiente de grande excitação, fomos encontrar, esta manhã, 60 alunos das escolas preparatórias Fernão Lopes e Delfim Santos, vestidas à época, de vendedores, artesãos, marinheiros e frades, atrás de um tapume, a partir do qual se vive em pleno século XVI. Vedado ao público, «pois não se trata de teatro mas de uma aula ao vivo», como nos referiu a dr.ª Paula Bácia, os jovens alunos completam desta forma uma acção escolar desenvolvida ao longo do ano lectivo, acção esta para a qual foram minuciosamente preparados.

A ideia, patrocinada pela Associação Portuguesa de Museologia, conforme nos revelou a

docente, foi importada de Inglaterra e tem por objectivo fazer reviver museus e edifícios públicos pouco vivos. «Escolhemos porém um espaço vazio, que é em si um monumento, a Ribeira das Naus», explica a docente. E é desta forma que os jovens serão hoje personagens vivas de uma época gloriosa da História de Portugal, os Descobrimentos.

Paralelamente, em Belém, numa acção idêntica, de grande impacte visual, vive-se a partida de uma nau, neste caso cedida pelo actor António Vilar. Esta segunda aula de História foi levada a cabo pelo Serviço Educativo da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e prossegue uma acção desenvolvida por aquela instituição, no ano passado. Margarida Lencastre

disse ao nosso jornal que as crianças de escolas da zona ribeirinha e da escola de teatro vão carregar a nau tal como se fazia no século XVI, vivendo desta forma a história dessa época. Trata-se de uma acção pedagógica, disse-nos, que só foi possível graças ao contributo de muita gente, que deve ser seguida em todos os pontos do País.



Vestidos à época, alunos das escolas ribeirinhas recriaram hoje um dia do séc. XVI, quando as naus partiam para a Índia, na gloriosa época dos Descobrimentos. Foram aulas de História ao vivo levadas a cabo em Belém e na Ribeira das Naus